



IMAGENS INCLUSIVAS: ensinando com Arte o aluno com e sem Deficiência Intelectual em uma sala regular*

Karina Maria Rodrigues Ferreira

Graduada em artes Visuais (UFPA) e Especialista em Educação Inclusiva (FAM)

SEMEC/IGARAPÉ-MIRI/PA

Aluizio Ribeiro pinheiro

Graduado em Matemática (UFPA), Especialista em Educação Matemática (UFPA) e mestre em Educação matemática (UFPA)

(SOME/SEDUC/PA)

RESUMO

Imagens Inclusivas: ensinando com Arte o aluno com e sem deficiência intelectual em uma sala regular, é uma investigação para saber como ensinar Arte aos discentes de uma sala de aula regular, com a presença de deficientes intelectuais. O objetivo é possibilitar a aprendizagem em Arte de todos da sala, através da conexão entre os elementos da linguagem visual presentes em imagens de obras de Tarsila do Amaral, vinculados às informações de prédios arquitetônicos do Município de Igarapé Miri. É uma pesquisa ação, com método dialético, que tem como suporte teórico para a deficiência intelectual, Pfanner e Marcheschi (2008), para a educação inclusiva, Glat (2009), para a cultura visual, Hernández (2000), para o método de ensino em arte, Barbosa (2012) e Vygotsky (1991), para o processo de ensino e aprendizagem. Foi desenvolvida na Escola Municipal Eurídice Marques, no 5º ano do ensino fundamental I, no município de Igarapé-Miri. Os dados foram obtidos através das imagens feitas durante o processo de ensino aprendizagem da Aula Experimento e das Entrevistas: dos profissionais da instituição de ensino, das mães dos deficientes intelectuais, e dos alunos. Essa experiência foi concretizada em cinco aulas de arte, cada uma com duração de três horas aula e buscou, como resultado do processo de ensino, a aprendizagem de todos os discentes. Esse trabalho é uma amostra de como a estratégia de ensino **Imagens Inclusivas**, pode contribuir com Arte para o ensino de alunos com e sem deficiência intelectual.

Palavras-chave: Deficiência Intelectual. Inclusão. Arte.

* Artigo baseado no Trabalho de Conclusão de Curso de Karina M. R. Ferreira, na Faculdade de Artes Visuais da UFPA.



1 INTRODUÇÃO

Um dos desafios da Educação brasileira na atualidade é a inserção de pessoas com Deficiência Intelectual nas escolas. Há um esforço das famílias para que os educandos que apresentam alguma deficiência possam ser incluídos, acolhidos e desfrutem dos mesmos benefícios que os demais estudantes.

Desse modo, pensando especificamente em pessoas com deficiência intelectual, desenvolveu-se a estratégia de ensino **Imagens Inclusivas**, que é uma estratégia de ensino que propõe soluções de como ensinar Arte ao aluno que apresente essa deficiência em uma sala de aula regular.

A questão que se levanta então é: Como ensinar Arte para alunos com e sem deficiência intelectual para que eles realmente aprendam?

Havia uma hipótese: Se o ensino de Arte for significativo e mediado para os alunos, eles aprendem.

1.1 OBJETIVO GERAL

Possibilitar através do Ensino de Arte a aprendizagem a todos os discentes em uma sala de aula regular, com deficiência intelectual ou não, através da conexão entre os elementos da linguagem visual, – contextualizados às imagens de obras de Tarsila do Amaral, vinculados às informações de prédios arquitetônicos do Município de Igarapé- Miri.

2 DEFICIÊNCIA INTELECTUAL E INCLUSÃO

A deficiência intelectual ou retardo mental, segundo Pfanner e Marcheschi (2008, p.9), “é uma alteração grave da mente, que se manifesta como uma síndrome psiquiátrica global ligada ao defeito de desenvolvimento e da adaptação”. O deficiente intelectual sempre apresenta dificuldades de abstração e pode apresentar também alguns distúrbios: da personalidade, da conduta, da linguagem, das funções perceptivas e motoras.

Para Pfanner e Marcheschi (2008, p.83), a premissa é que a deficiência intelectual, embora sendo um distúrbio grave e permanente, não deve ser considerada, por muitas razões, imutável e sem perspectiva de correção:

- Porque o cérebro humano é uma estrutura plástica e influenciável, mesmo quando está lesado ou condicionado por mensagens genéticas que tornam mais lento o seu desenvolvimento;
- Porque a plasticidade é máxima na idade evolutiva, quando tudo está em movimento e não há nada de imutável nos aspectos biológicos e na estrutura da personalidade;
- Porque as mensagens do ambiente, especialmente as selecionadas e analisadas, podem modificar as estruturas neuronais e a própria expressividade gênica.

Devido não existirem tratamentos diretos e seletivos para a memória, e essas premissas nos possibilitam desenvolver trabalhos que possam devolver aos deficientes intelectuais, a sua autonomia social.



2.1 A ESCOLA (LÓCUS DA PESQUISA)

A escola escolhida para o desenvolvimento deste projeto foi a Escola de Educação Infantil e Ensino Fundamental I e II Professora Eurídice Soares Marques de Souza, Escola Pública do Município de Igarapé-Miri, localizada na Travessa João Afonso Lobato, S/N, no Bairro Cidade Nova, complemento à beira mar.

2.2 DESCRIÇÃO DA TURMA

A turma na qual a pesquisa foi desenvolvida, é de 5º ano, do Ensino Fundamental menor, no ano de 2017. A mesma é composta por 29 alunos, sendo que destes, 2 apresentam deficiência com laudo médico comprobatório. Os alunos da turma compreendem entre as idades de 10 a 30 anos.

3 CULTURA VISUAL.

Trabalhar com a base teórica de Hernández (2000, p. 133), é possibilitar o trabalho com questões atuais, que lhes apresente sentido e assim construir seu conhecimento a partir do meio que está inserido, despertando seu olhar para sua volta, acerca das muitas possibilidades que a cultura visual nos oferece.

4 RELATO DE EXPERIÊNCIA

A aula experimento foi composta de cinco momentos. No primeiro momento fez-se uma excursão ao centro da cidade de Igarapé-Miri, visitando os prédios arquitetônicos mais antigos e que foram importantes para a expansão da cidade. Dentre esses, destacou-se a Igreja de Sant' Ana, a atual Secretaria Paroquial, a Casa da Cultura, o Palacete José Garcia, e, além desses, o patrimônio natural mais importante da cidade: as palmeiras de açaí. No segundo e terceiro momentos, já em sala de aula, realizou-se a Contextualização desse conhecimento. Já no quarto momento estimulou-se o Fazer Artístico e, no quinto momento, desfrutou-se do olhar com a Leitura das Obras, como se observará de maneira mais detalhada nas páginas seguintes.

4.1 IGREJA MATRIZ DE SANT'ANA



Imagem: 1- Primeira parada da excursão Igreja Matriz de Sant'Ana, um dos mais belos prédios arquitetônicos do Município.

Foto: Karina Ferreira.



A catedral de Sant`Ana, em Igarapé-Miri, foi construída pelo arquiteto italiano Antônio José Landi, que veio para Amazônia, encarregado pelo Rei de Portugal para trabalhar como cartógrafo, traçando desenhos que demonstravam a demarcação das fronteiras pertencentes entre Portugal e Espanha, propostos pelo Tratado de Madri, datado de 1750, que substituiu o Tratado das Tordesilhas. Paralelo ao seu trabalho de cartógrafo e seduzido pelo cenário amazônico, diferente do europeu, Landi veio a dedicar boa parte de sua vida profissional à arquitetura da região, projetando Igrejas e prédios na capital Belém e no interior do Estado.

4.2 A CONTEXTUALIZAÇÃO

A contextualização é o momento em que o aluno coloca em prática a teoria do conhecimento, que consiste em inter-relacionar as informações de Arte com o contexto em que está inserido, não se limitando somente em conhecer a biografia do artista ou a história da Arte, embora estas sejam tão importantes quanto à possibilidade de inter-relação da disciplina com o mundo. Contextualizar é a ocasião em que a imagem possibilita ao aluno cruzar os conhecimentos do que já sabe com o que ele pode vir a aprender.

Nesta dimensão decidi trabalhar com as seguintes obras de Tarsila do Amaral: Carnaval de Madureira – 1924; Operários – 1933; Abaporu – 1928; O ovo – 1928. E, assim, comecei a viajar entre o passado de Tarsila e o presente de algo que o aluno conhece muito bem: a sua cidade.

4.2.1 Carnaval em Madureira-1924



Imagem: 4 - Carnaval em Madureira
Fonte: <http://noticias.universia.com.br>

Tarsila do Amaral depois de uma temporada fora do país, e por ter passado o carnaval no Brasil, pintou Carnaval em Madureira, não se sabe se realmente a pintora esteve em Madureira, mas o nome da obra faz referência ao bairro. A obra possui a Torre Eiffel bem no meio do bairro carioca. Especula-se que foi devido à autora viver no exterior, mas sempre tendo o Brasil como base para os seus trabalhos. É muito presente em suas obras o uso de cores intensas e formas geométricas.

4.2.2 Biografia de Tarsila do Amaral

Tarsila do Amaral é uma das mais importantes e influentes pintoras brasileiras do movimento modernista. Nasceu em uma cidadezinha do interior de São Paulo, Capivari, em 1º de setembro de 1886. Na adolescência estudou em São Paulo, vindo a concluir seus estudos em Barcelona (Espanha). Desde jovem



demonstrou interesse pelas artes plásticas, sua primeira pintura foi o Sagrado Coração de Jesus. Teve uma vida matrimonial agitada, três casamentos diferentes. Mãe de filha única, sua primogênita Dulce, do primeiro casamento. Entre os entraves de sua vida pessoal, ia construindo sua vida profissional e artística. Dedicada e sonhadora, destaca-se em tudo, na pintura, na escultura; não desejava repetir técnicas exportadas da Europa, pensava em ser a autora de sua própria técnica, enfatizando sempre, o uso de cores fortes nas suas pinturas, influência do cubismo (uso de forma geométrica), abordagem de temas sociais, cotidianos e paisagens do Brasil; sua estética, fora do padrão era fruto da influência do surrealismo na fase antropofágica. Enfim, a biografia desta autora é grandiosa e de muita importância para a arte Brasileira.

4.3 O FAZER ARTÍSTICO

Nesta fase realizou-se a parte prática, o fazer artístico, do processo criativo. Para alguns alunos foi um momento prazeroso, divertido e criativo, já para outros, foi um momento inquietante, desconfortável, por julgar não saber se expressar pela linguagem da pintura e do desenho. Diante de mais uma provocação, e desta vez era eu o objeto provocador, estimular a sua potencialidade criativa seria uma solução para mediar ação e prática e que todos pudessem estar em condições de realizar sua tarefa. Porém, dentro das equipes os alunos preferiram fazer individualmente, e, como havia material disponível, aconteceu o desenvolvimento da estratégia proposta pelos alunos.

4.4 O LER OBRAS DE ARTE

No terceiro momento ocorreu O Ler Obras de Arte, que foi a interpretação que o aluno deu à obra e ao contexto em que está inserido. A proposta da atividade é incitar o discente a questionar, a buscar e a estimular a descoberta de sua capacidade crítica, mas poética e voltado para o seu contexto social.

5 A IMAGEM ANALÍTICA DA TEORIA E PRÁTICA ESCOLAR

A estratégia de agrupá-los, embora cada um estivesse fazendo o seu, foi o que possibilitou um ajudar ao outro, a tirarem suas dúvidas, a proporem caminho, ideias, foi essa mediação dos pares que sem dúvida, contribuiu muito para que todos fizessem a sua atividade. Houve a mediação geral, nos grupos e individualmente. Alguns chamavam-me para tirar dúvidas, outros, estavam com dificuldades e precisavam de ajuda. Foram essas condições que permitiram o diálogo do conhecimento do aluno com as novas informações, e possibilitaram que eles externassem a sua criatividade. Foi esse amadurecimento que permitiu ao aluno avançar do seu conhecimento real para um nível de conhecimento mais elevado, que Vygotsky (1991) chama de aprendizagem. Isso tudo é muito bem retratado na fala de EM, (aluna de 10 anos, participante do Projeto):

EM – *“Eu gostei muito do passeio porque eu aprendi muitas coisas, algumas eu já via. Com o passeio que fizemos foi legal ir à Prefeitura, à Igreja, vimos as pinturas da Tarsila do Amaral, fizemos as nossas próprias pinturas com o apoio da Tia Karina, ficou legal, quase igual, mas o diferente é que na minha pintura coloquei elementos de nossa cidade, retratei os Operários – 1933”.*



Para Barbosa (2012), o aluno aprende quando faz a conexão das três dimensões: o contextualizar, o fazer artístico, e o ler obras de artes. Porém, cada etapa requer envolvimento com a tarefa, pois, uma etapa está interligada a outra. Isso tudo é muito bem narrado por RS (aluno de 10 anos, participante do Projeto)

RS: – “O projeto começou com passeio, depois em nossa sala de aula com a professora Karina teve como foco a pintura da pintora brasileira Tarsila do Amaral. No primeiro momento, a professora distribuiu imagens de algumas pinturas da Tarsila, após serem formados os grupos os alunos começaram a escolher a pintura com que queriam trabalhar. O desenho que escolhi foi o Ovo, a professora pediu que fizéssemos a releitura da obra. A partir disso comecei a criar um novo desenho, que teve características de um planeta com seu interior preenchido com quatro pedaços de terra rodeado por água e na parte de fora foram feitas quatro estrelas de cada lado do planeta. Usei papel, lápis, borracha, tinta guache verde e azul. O Projeto foi muito legal, estimulou minha criatividade e nos proporcionou momento de diversão e aprendizado”.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS:

Nas considerações finais deste trabalho intitulado: **Imagens Inclusivas: ensinando com arte, alunos com e sem deficiência intelectual na sala regular**, em que foram discutidos como ensinar Arte para alunos com e sem deficiência intelectual na sala regular, utilizando obras da artista brasileira Tarsila do Amaral e fazendo conexão com elementos da linguagem visual com a arquitetura de prédios do município de Igarapé Miri, procurou-se refletir sobre alguns aspectos:

Será que os alunos aprenderem? Se eles aprenderam, como se deu esta aprendizagem? O que garante que realmente aprenderam?

✓ Para Barbosa (2012) o aluno aprende quando faz a conexão das três dimensões: o contextualizar, o fazer artístico, e o ler obras de artes. Todos os alunos, inclusive os deficientes intelectuais, realizaram as três fases dessa abordagem, então todos aprenderam.

✓ Para Vygotsky (1991), o aluno aprende quando ele avança no seu nível de conhecimento, isto é, quando ele vai do seu conhecimento real, que é o que ele já sabe, para seu conhecimento proximal, que é o que ele quer saber. E só consegue, com a mediação do professor ou de um de seus pares. Como todos avançaram do seu conhecimento real para o proximal, então, todos aprenderam.

✓ Essas eram as duas formas de aprendizagem da nossa estratégia de ensino **Imagens Inclusivas**. E as duas foram satisfeitas. Isso mostra que **Imagens Inclusivas** têm bases sólidas, e tem muito a contribuir com a educação da nossa escola.

REFERÊNCIAS

BARBOSA, Ana Mae (org.). **Inquietações e mudanças no Ensino da Arte**. São Paulo: Cortez, 2012.

HERNÁNDEZ, Fernando. **Cultura Visual, mudanças educativas e Projeto de Trabalho**/ Fernando Hernández: trad. Jussara Haubert Rodrigues. Porto Alegre : Artes Médicas Sul, 2000.

PFANNER, Pietro e MARCHESCHI Mara. **Retardo mental: Uma deficiência a ser compreendida e tratada**. Editora Paulinas: São Paulo: 2008



IX FIPED

IX FÓRUM INTERNACIONAL DE PEDAGOGIA 2017
III SEMINÁRIO NACIONAL DE EDUCAÇÃO BÁSICA
EDUCAÇÃO • RESISTÊNCIA • LIBERDADE
08 a 11 de novembro de 2017

Desafios pedagógicos de uma sociedade em transe

ABAETETUBA-PA



VIGOTSKY, Lev Semenovich. 1866-1934. **A Formação Social da Mente**. São Paulo: Editora: Martins Fontes LTDA, 1991.